

## ESPOROTRICOSE FELINA DISSEMINADA – ACHADOS CLÍNICOS E HISTOPATOLÓGICOS

Nathaly Matias Becker<sup>1</sup>; Vitória Xavier Cabral<sup>2</sup>; Geovana Domingues Jardim Soares<sup>3</sup>; Josiane Bonel<sup>4</sup>; Wesley Aquino Zoia<sup>5</sup>; Sérgio Jorge<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Veterinária – [nathaly.beckerufpel@gmail.com](mailto:nathaly.beckerufpel@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Veterinária – [vitoriaxc@hotmail.com](mailto:vitoriaxc@hotmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Veterinária – [ge.soares9@gmail.com](mailto:ge.soares9@gmail.com)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Veterinária – [josiebonnel@hotmail.com](mailto:josiebonnel@hotmail.com)

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Veterinária – [waz.medvet@gmail.com](mailto:waz.medvet@gmail.com)

<sup>6</sup>Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Veterinária – [sergiojorgevet@hotmail.com](mailto:sergiojorgevet@hotmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma micose subcutânea endêmica no Brasil, causada principalmente por fungos do gênero *Sporothrix* spp. (GREMIÃO et al. 2020). Essa zoonose já foi descrita em várias espécies, incluindo gatos, cães, bovinos, aves domésticas e humanos, contudo, é mais prevalente em felinos domésticos (BAZZI, et al. 2016). A infecção zoonótica ocorre por meio de mordeduras, arranhaduras e contato das mucosas com secreções de animais acometidos (DONATILIO, et al. 2024).

Os gatos infectados frequentemente apresentam lesões em região de cabeça, cauda e membros, com aspecto ulcerado, crostoso, nodular e purulento. Se negligenciadas, podem se disseminar e causar necrose das áreas afetadas. Além da forma cutânea, a esporotricose pode assumir as formas linfocutânea, sistêmica e extracutânea, sendo essa mais comumente observada em pulmões, fígado, baço, rins e ossos (ROCHA, et al. 2024).

A evolução da enfermidade é rápida nos felinos, por serem altamente suscetíveis e possuírem alta carga fúngica. Os sinais variam de uma infecção subclínica até manifestação sistêmica pela disseminação hematogênica, esta geralmente é fatal (PIRES, 2017).

Este trabalho teve o objetivo de relatar os principais achados clínicos e histopatológicos de um felino fêmea atendido no Hospital de Clínicas Veterinárias da UFPel diagnosticado com esporotricose disseminada, onde foi eutanasiada devido as severas complicações da infecção.

### 2. METODOLOGIA

Um felino fêmea, peridomiciliar, sem raça definida, idade desconhecida, oriunda do gatil municipal de Pelotas foi atendido no Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade Federal de Pelotas (HCV/UFPel). A paciente já havia sido diagnosticada com esporotricose previamente onde houve interrupção do tratamento. No exame físico a paciente apresentava apatia, hiporexia, êmese, icterícia, diarreia e desidratação intensa, além das lesões ulcerativas nos membros, orelhas, cauda e nariz (Figura 1). Foi realizada coleta de sangue para hemograma, o qual evidenciou anemia regenerativa, leucocitose por neutrofilia e monocitose.

Também foram realizados testes moleculares para detectar o vírus da imunodeficiência felina (FIV) e o vírus da leucemia felina (FeLV), onde ambos tiveram resultados positivos. Na ultrassonografia foi observada hepatomegalia,

alterações pancreáticas compatíveis com processo inflamatório crônico e linfonodomegalia abdominal generalizada.

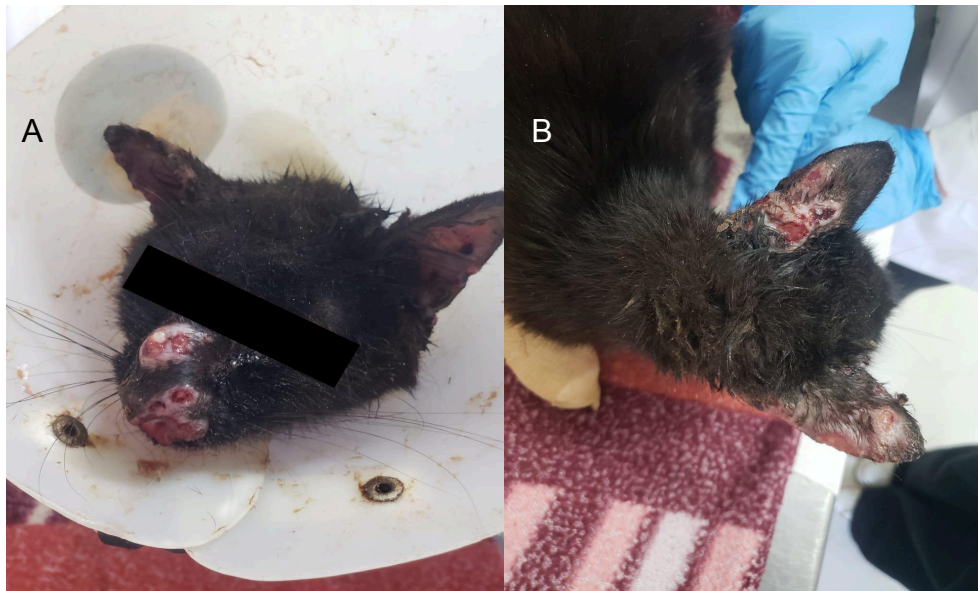


Figura 1 - Felino com lesão ulcerativa em plano nasal (A); lesões ulcerativas na parte posterior de ambas orelhas (B). Fonte: Vitória Cabral (2025).

Após alguns dias de internação, a paciente não respondeu ao tratamento de suporte e medicamentoso, então foi solicitado antifungigrama. Para tal, o *Sporothrix* spp. isolado do animal apontou a resistência ao itraconazol. Iniciou-se a administração de de iodeto de potássio como adjuvante na terapia, mas a paciente teve uma piora clínica significativa, com evidente emagrecimento, apatia, inapetência e sinais neurológicos. Devido a essa piora, a indicação clínica foi a eutanásia e o corpo foi encaminhado ao Laboratório Regional de Diagnóstico da Universidade Federal de Pelotas.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

À necropsia observou-se lesões ulcerativas na região nasal, pavilhões auriculares, extremidades dos membros e cauda. Também notou-se linfonodomegalia generalizada, pulmões com múltiplas áreas puntiformes e amareladas e distorção da arquitetura das adrenais.

O exame histopatológico confirmou a presença de leveduras de morfologia oval, arredondada ou em forma de charuto, sugestivas de *Sporothrix* spp. através das colorações de hematoxilina-eosina e também a técnica metenamina de prata de Grocott (GMS) específica para identificar fungos em amostras teciduais, podendo atingir sensibilidade diagnóstica de 100% (ZOIA, et al. 2025). Através dessas colorações foi possível observar essas leveduras em amostras de pele, nariz, linfonodos submandibulares e mesentéricos, pulmões. Além disso, foram visualizadas incontáveis leveduras em ambas as adrenais (Figura 2). Já no exame direto, também foram observadas leveduras sugestivas de *Sporothrix* spp. em fígado e baço, além dos demais órgãos citados.

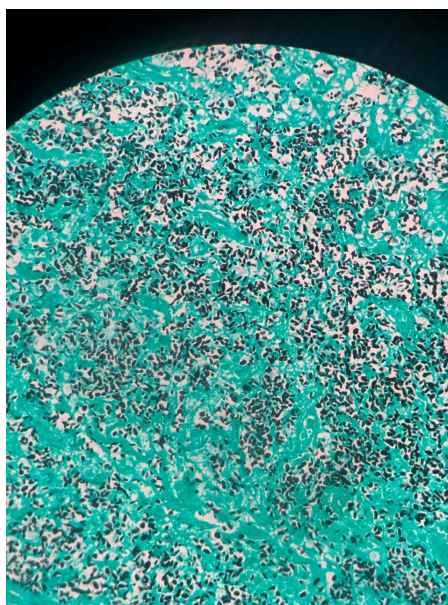


Figura 2 - Lâmina do corte histológico da adrenal contendo inúmeras leveduras sugestivas de *Sporothrix* spp. com coloração GMS. Fonte: Laboratório Regional de Diagnóstico (LRD)

#### 4. CONCLUSÕES

O relato apresentado evidencia a complexidade e a gravidade dessa micose, especialmente quando há coinfeção com outras doenças, como a FIV e a FeLV. A evolução rápida e sistêmica associada à resistência ao itraconazol ressalta a importância do diagnóstico precoce, uso racional de antifúngicos e uso de ferramentas como antifungigrama como auxílio à escolha da terapia.

Destaca-se também a relevância do controle populacional e vigilância epidemiológica em gatos e ambientes com alta densidade populacional de felinos, principalmente em áreas endêmicas, visando reduzir a disseminação dessa zoonose e proteger a saúde animal e pública.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. J., REIS, N. F., LOURENÇO, C. S., COSTA, N. Q., BERNADINO, M. L., & VIEIRA-DA-MOTTA, O. Esporotricose em felinos domésticos (*Felis catus domesticus*) em Campos dos Goytacazes, RJ. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 38, p. 1438-1443, 2018.
- ARAUJO, A. K., GONDIM, A., & ARAUJO, I. E. Esporotricose felina e humana—relato de um caso zoonótico. **Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal**, v.14, n. 2 p. 237 – 247, 2020.
- BAZZI, T., MELO, S. M. P. D., FIGHERA, R. A., & KOMMERS, G. D. Características clínico-epidemiológicas, histomorfológicas e histoquímicas da esporotricose felina. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 36, p. 303-311, 2016.
- DE OLIVEIRA DONATILIO, M. S., FERRÃO, M. C. P., BARBOSA, I. A. R., DA SILVA XAVIER, C. H., DOS SANTOS BARBOSA, A., & DE SOUZA BORGES, R. Esporotricose felina: relato de caso. **RCMOS-Revista Científica Multidisciplinar O Saber**, v. 1, n. 1, 2024.

GREMIÃO, I. D. F., MARTINS DA SILVA DA ROCHA, E., MONTENEGRO, H., CARNEIRO, A. J. B., XAVIER, M. O., DE FARIAS, M. R., ... & LOPES-BEZERRA, L. M. Guideline for the management of feline sporotrichosis caused by *Sporothrix brasiliensis* and literature revision. **Brazilian journal of microbiology**, v. 52, n. 1, p. 107-124, 2021.

LARSSON, C. E. Esporotricose. **Braz. J. Vet. Res. Anim. Sci**, p. 250-259, 2011.

ROCHA, J. L. T., & DE OLIVEIRA, M. G. X. Esporotricose felina: Sinais clínicos e prevenção em animais e humanos. **Pubvet**, v. 18, n. 05, p. e1591-e1591, 2024.

ZOIA, W. A., DE MELO, L. P., PEGORARO, J. R., DE. CASTILHOS, T., DA ROSA, C. S., SALLIS, E. S. V., ... & BONEL, J. Esporotricose em felinos e caninos na região sul do RS: métodos de diagnóstico. **Observatorio de la Economía Latinoamericana**, v. 23, n. 4, p. 179, 2025.